

17ª BIENAL DE SÃO PAULO

Catálogo Geral

Novos Media

SOBRE VIDEOTEXTO (VTX)

Julio Plaza
Curador

Definição 1: Videotexto é um sistema de distribuição bidirecional de informação para o mercado de massa, e dentro do qual os usuários podem solicitar informação, a uma tela de televisão, de um banco de dados (em computador), através de um teclado.

Definição 2: Videotexto é uma biblioteca de referência rápida, compacta e atualizável, funcionando em tempo real.

Definição 3: Videotexto é um meio de comunicação de massa, individualizado.

Definição 4: O videotexto é uma nova forma de comunicação em que as regras técnicas estão em curso de normalização em nível internacional, mas as regras de uso estão ainda para ser descobertas, notadamente graças às experiências-piloto que estão sendo organizadas em diferentes países.

Pela intermediação das redes de telecomunicação, o videotexto põe em relação pessoas equipadas com terminais, completando os serviços telefônicos tradicionais com os computadores.

Definição 5: Videotexto é o nome genérico para uma variedade de serviços que transmitem informação específica para um televisor doméstico.

Definição 6: Sistemas para disseminar informação de textos e materiais gráficos por meio de meios eletrônicos, informação esta exibida em receptores domésticos de TV com o controle seletivo de usuários não treinados.

Definição 7: Videotexto é o mais recente veículo de produção de linguagem gráfico-eletrônica.

Instalação de Arte e Videotexto na 17.ª Bienal.



O videotexto é o mais recente veículo de produção de linguagem e de distribuição de informações. A diferença de todos os meios de comunicação de massas com o VTX é que os primeiros são fortemente centralizadores da informação, enquanto o videotexto é interativo, pois nasce de um meio interpessoal. O videotexto, produto da telemática (adaptação da informática aos sistemas de telecomunicação), opera regularmente (desde o dia 15/12/82) na cidade de São Paulo, sob os cuidados da Telesp (Companhia Telefônica de São Paulo). Com associação de telefone, televisor e computador (como banco de dados) e de um pequeno teclado, o usuário, através de uma rápida teclagem (semelhante a uma chamada telefônica), pode ter acesso aos mais variados tipos de informação visual e escrita. É aqui que surge a idéia de veicular a arte no videotexto, como forma de extrair e experimentar a sensibilidade do novo meio. Quaisquer primeiros contatos com o VTX já deixam patentes que não se trata de um meio que substitui os anteriores, mas que se alimenta deles. É um meio interativo de meios, fortemente híbrido e inclusivo, cujo processo mesmo de produção nasce da aglutinação complexa de uma rede heterogênea de reminiscências de outros meios. Trata-se de um veículo que, em si mesmo, em sua natureza, é *intermedia*, ao mesmo tempo que absorve diferentes sistemas de representação. O videotexto acompanha assim a tendência do mundo contemporâneo no referente às relações entre a quantidade e complexidade de meios de tecnologias: *multimedia*, isto é, a tendência a sintetizar e criar relações de interpenetração entre esses meios (*intermedia*), conseguindo, por isso mesmo, outros meios e tecnologias híbridas, produto da associação de vários meios. Meios mais compactos e diversificados inventados a partir da lei de economia.

A invenção do videotexto surgiu em vários países simultaneamente, mas foi Sam Fedida, na Inglaterra, quem conseguiu implantar o primeiro sistema de videotexto em todo o mundo. Operando para o público há cerca de três anos, sob o controle dos correios e telégrafos ingleses (BPO-British Post Office), esse serviço ganhou o nome de Viewdata inicialmente, mas hoje é conhecido por Prestel.

O videotexto, sobre o qual se pesquisa há mais de dez anos, difundiu-se para vários países, adaptando-se a diversas tecnologias de transmissão. Atualmente os sistemas de videotexto existentes adotam quatro tecnologias principais, que são o próprio Prestel, o Télétel (da França), o Telidon (do Canadá) e o Captains (do Japão).

O Brasil, através da Telebrás, comprou o sistema francês Télétel, "devido a suas vantagens de qualidade e custo", e encarregou a Telesp da fase inicial de testes no território nacional. A experiência brasileira com o meio é, portanto, contemporânea da implantação de sistemas de videotextos similares em outros países.

O processo de operacionalidade do videotexto comporta três grupos operativos participantes: o *operador do sistema* (ou empresa, no caso a Telesp), que controla e cuida do serviço como totalidade; o *fornecedor de serviços*, firmas e instituições que veiculam as informações

através de equipamentos fornecidos pelo operador do sistema; o terceiro participante é o *usuário*, ou consumidor, que se serve do sistema. O usuário deve dispor de um telefone, uma TV e um adaptador ou decodificador do sinal acústico em visual com teclado de controle remoto, através do qual tem acesso ao serviço fornecido.

O projeto Arte e Videotexto

Este projeto foi submetido ao CAC (Conselho de Arte e Cultura da Bienal) e aprovado em janeiro de 1983.

O projeto previa vários níveis de participação:

- a) Edição eletrônica de trabalhos de arte apresentados como tais por seus autores;
- b) Laboratório de linguagem nos códigos visual e escrito, incluindo narrativas infantis e experiências didáticas, entre outros;
- c) Edição Bienal-Informativo (como Jornal Eletrônico da Bienal) para veiculação de informações pertinentes à Bienal e seus arquivos, assim como para o registro dos percursos e roteiros para o visitante.

Objetivo I

Desenvolver trabalhos dentro do espaço de representação (páginas-quadros) do próprio meio (principalmente nos níveis *a* e *b*), a partir dos códigos e repertórios incluídos nas memórias do videotexto, no seu sistema de edição.

Transformar esses repertórios em linguagem poética ou estética, como mensagens auto-referenciais ou não e, sobretudo, trabalhar os procedimentos estéticos a partir dos recursos que o novo meio oferece.

Objetivo II

Aproveitando a estrutura do videotexto, quer dizer, sua penetração em terminais domésticos de TV, via cabo telefônico, fazer com que a instalação e edição eletrônica (presente na Bienal) penetre também naqueles terminais. Temos assim que a Bienal, pela primeira vez na sua história, mostrará arte nas residências de São Paulo: arte *on-line*.

Antecedentes:

1. O projeto previa ainda a abertura a todos os artistas que se interessassem pelo novo meio, desde que seus projetos se adaptassem aos níveis propostos pelo projeto. Reservava-me eu, ainda, o direito de ser curador da instalação e organização desse projeto na Bienal.
2. Este projeto (agora concretizado) segue e continua a experiência da exposição realizada e organizada por mim, intitulada "Arte pelo Telefone: Videotexto" e que esteve instalada no Museu da Imagem e do Som, de São Paulo, durante o mês de dezembro de 1982, quando da instalação do videotexto na cidade de São Paulo pela Telesp.
3. Deve-se dizer aqui que, tanto na primeira exposição quanto neste projeto, me foi dado todo o apoio logístico pela Telesp, setor de videotexto, assim como pelo escritório de videotexto IMS-Acesso.

ARTE E VIDEOTEXTO

Julio Plaza

Tecnologias justapõem-se a tecnologias. Com o videotexto, como o mais novo veículo de linguagem, podem ser entretecidas algumas considerações a respeito deste novo meio em relação a seus congêneres da indústria cultural de massa, a partir do ponto de vista da videografia em videotexto.

A aliança dos meios audiovisuais, das telecomunicações e da informática, opera novas possibilidades de comunicação e expressão. A evolução tecnológica é muito mais rápida do que a nossa capacidade de assimilar e de utilizar estes novos meios.

Criado originariamente para editar e veicular informação, o videotexto configura-se como um sistema *intermedia*, capaz de interferir na atuação dos outros meios já existentes e remodelá-la, desarticulando o ambiente instituído, pois ele é um antiambiente. O videotexto tende a transformar de maneira radical a tradicional distribuição de informações pela imprensa escrita, falada e televisiva, colocando essas mesmas informações com eficiência e instantaneidade ainda maior em terminais domésticos de vídeo. A edição em meios eletrônicos como o videotexto, destinada a grandes e diferenciados públicos, provoca mudança e confusão nas condições de recepção e produção de informação.

A imprensa, graças a seus caracteres móveis e sua grande velocidade de impressão, assegura uma grande dispersão do saber, pois o texto impresso atinge camadas de população cada vez mais diversificadas. O velho sonho do saber universal e a indústria do conhecimento, exemplificada pelas grandes enciclopédias distribuídas pelo planeta todo, parece concretizar-se com o acesso instantâneo às informações produzidas pela telemática. A intrusão da eletrônica, a substituição dos processos de impressão mecânicos, colocam problemas relativos a todos os elementos participantes do sistema eletrônico de videotexto e também aos que estão fora dele.

A exposição prolongada às telas de vídeo (bombardeadas por elétrons), a assimilação rápida das informações e a velocidade olho-cérebro desenvolvida pelo ser humano, a influência na vida profissional e pessoal, enfim, as mudanças de percepção acarretadas pela nova tecnologia são alguns dos impactos e mudanças que esta nova tecnologia produz sobre o nosso comportamento. E linguagem, pois o *interface* dos meios eletrônicos com o usuário constitui um elo decisivo nesta cadeia. A rejeição ou aceitação dependerão, em grande parte, das formas como as mensagens serão finalmente percebidas nesse contato.

Ao especular sobre as relações do mundo eletrônico com a criação, é quase impossível não se referir ao pensamento mcluhaniano, no que diz respeito à sua reflexão sobre os meios na era eletrônica. Esse pensamento está tão interiorizado na nossa cultura que qualquer semelhança do aqui exposto com esse pensamento não é mera coincidência, é proposital.

Embora concentremos nossa análise sobre os aspectos das linguagens V-Ideográficas eletrônicas do videotexto, não deixaremos de ressaltar outros aspectos que, a nosso ver, constituem o dado realmente novo deste meio de comunicação.

O videotexto é um colírio para os olhos

A síntese *intermedia* produz o dado inusitado: três são os aspectos ou *interfaces* que caracterizam o videotexto em relação aos usuários e sobre os quais concluiremos nosso trabalho. Embora o primeiro deles não tenha sido tratado em sua importância relativa, será no futuro o aspecto sobre o qual as pesquisas se concentrarão, sobretudo com uma distância e uma perspectiva maior, que nós ainda não temos.

Os aspectos mencionados são:

1. O videotexto é o primeiro veículo dialógico, pois que estabelece uma relação democrática no sistema: editor-usuário e ainda usuário-usuário, presidida pelo diálogo.
2. A V-Ideografia eletrônica, como recuperação contemporânea do signo pictográfico pré-histórico, desvia a ênfase óptica-projetiva-fotográfica para a imagem projetiva-mental-esquemática. Assim, o visual retiniano é deslocado pelo visual ideográfico.
3. Contudo, o hibridismo do videotexto prenuncia a sua forte característica marcante que se manifesta na conformação das linguagens que acolhe, obrigando-as a uma redefinição para exibição no seu espaço concreto. Assim, o videotexto cria um *interface* com o leitor, que o obriga a um pensamento redutivo-esquemático e a uma percepção rápida e espontânea.

O videotexto, diferentemente de todos os meios de comunicação de massas, é interativo, pois que nasce de um meio interpessoal: o telefone. Já os outros meios são fortemente centralizadores da informação. Com este caráter de interatividade, o videotexto caracteriza-se como um veículo dialógico, pois que rompe com a unidirecionalidade no mundo da comunicação, o que parece significar o princípio do fim da sociedade de massas (tomada a palavra no sentido de comunicação mediada através de sistemas de transmissão unidirecionais de comunicação), na medida mesma em que o usuário pode interferir e criar informação, tornando-se virtualmente um editor. O videotexto caracteriza-se, assim, por ser um veículo democrático, pois que a bidirecionalidade permite a expressão e a devolução da informação, rompendo o princípio de casualidade, unidirecionalidade e autoritarismo característico dos meios de comunicação de massas. Com o videotexto, não dá para "conscientizar" as massas.

O videotexto oferece, assim, a possibilidade de participação na vida social e comunitária dos indivíduos, dando um passo à frente no processo de democratização da informação.

Esta tendência já se vinha perfilando a partir da década de 60, com a socialização dos meios de reprodução e produção dos sistemas reprográficos (offset, xerox, entre outros), que facilitavam, já na época, a possibilidade de copiar edições inteiras, colocando em xeque as noções de direito autoral e, sobretudo, do *copy-copyright*. Por outro lado, estes mesmos processos viabilizam milhares de edições de autor e de revistas alternativas na década de 70.

Esta democratização ou socialização dos meios de reprodução e produção fornece-nos o potencial necessário para a formação de editoriais eletrônicas a baixo custo

(comparando-se com o jornal, por exemplo) de produção, editoria de pequenos grupos ou de usuários, baseadas nos princípios de afinidade espontânea e informacional, ao mesmo tempo em que implica a consciência do usuário na hora de escolher e interagir nas informações.

Estabelece-se aqui um princípio de economia, pois ninguém é obrigado a pagar pelo que não pediu. Essa consciência do usuário cresce proporcionalmente a seu engajamento na interatividade com o meio. O videotexto caracteriza-se, assim, por ser um meio, não de massas, mas de públicos e grupos de indivíduos conscientes da informação que procuram. Haja consciência.

Partindo da premissa de que o videotexto admite qualquer tipo de informação, diversas possibilidades de uso e diversas finalidades podem ser atingidas, como a programação de cursos, revistas eletrônicas, jornais, plebiscitos, entre outros, que permitem estabelecer circuitos internos e mesmo grupos fechados de usuários com códigos de acesso apropriados. A animação cultural e a artística, com a conseqüente descentralização de informação, são assim possíveis.

O seu desempenho no campo didático parece ser um dos seus pontos fortes, oferecendo condições através das linguagens escrita e visual (não como ilustração das aulas verbais ou "ajudas audiovisuais", mas como interação), desverbalizando aulas, tornando-as mais participativas e interessantes, sem se falar nas possibilidades que permitem a recuperação imediata (*on-line*) de toda e qualquer informação programável.

Como ela não está ligada a objetos, "a informação é um bem econômico e cultural único e revolucionário. Ela não se destrói quando consumida; ela transforma qualitativamente o homem e seu padrão de vida". Já o poeta Stéphane Mallarmé achava que o "mundo existe para acabar num livro". "Hoje estamos em posição de ir além, transferindo todo o espetáculo para a memória de um computador." E a Dow Jones (nos Estados Unidos) trabalha na transcrição dos 21 volumes da *Academic American Encyclopedia* para o videotexto.

O videotexto, ao mesmo tempo em que reorganiza todas as ferramentas (*hardware*) anteriores em sistema, reorganiza também a informação e os modos de manipulação, percepção e estocagem dessa informação, quanto a objetos (livros, jornais, etc.) e também quanto a suas relações espaciais e energéticas.

Hoje é possível organizar, produzir e veicular informação de forma descentralizada a partir de qualquer ponto, isto é, a partir de um escritório doméstico, dispensando custos energéticos adicionais (como deslocamento de pessoas e coisas, estocagem e arquivo de informação-objetos), próprios das atividades industriais, racionalizando e economizando energia e espaço.

Agora com o videotexto, o usuário pode dispor de toda uma banca de jornal ou mesmo biblioteca no seu escritório, sem ocupar espaço e com o conforto de fazer aparecer, no vídeo de seu televisor, a informação que deseja.

Como meio "frio" que é, o videotexto obriga à participação do usuário e estabelece um compromisso equilibrado entre o jornal e livro tradicionais, pois, se o livro

induz ao "ponto de vista individual", já o jornal pela sua justaposição mosaica de eventos, tende ao comunitário e ao social. O videotexto, como veículo dialógico, tende à criação dessa consciência participativa, pois que é o produto do aumento da velocidade de informação que cria envolvimento e a descentralização das decisões. Já viu McLuhan que processos mais rápidos de informação tendem a criar a tendência política do afastamento da delegação e representação de poderes, enquanto processos mais lentos de informação tendem a criar a representação e delegação. E, para Norbert Wiener, "a informação é mais questão de processo e não de acumulação".

De um outro ângulo, o meio é "frio", pois que sua linguagem visual, além de atender aos princípios de esquematismo, abstração e concreção, tende, e muito, para a ambigüidade da sua imagética, permitindo que o usuário opere mentalmente essa ambigüidade.

O engraçado da história é que a história (e a pré-história) parecem reproduzir-se através do videotexto, pois que os novos contextos absorvem e definem os contextos anteriores como conteúdo, artistificando-os. Os signos pensam. "A velocidade elétrica mistura as culturas da pré-história com os detritos dos mercadólogos industriais, o iletrado com o semiletrado e o pós-letrado."

O operador de VTX tem a mesma dificuldade que o homem neolítico, quando este tratava de adequar e traduzir um desenho analógico em forma orgânica para a malha geometrizada da cestaria, adequando o desenho à nova realidade industrial, transformando o desenho "vitalista" em esquema abstrato, renunciando assim o ornamento e a fonte das posteriores escritas.

Se o videotexto incorpora a história, também faz uma seleção dela, dando-lhe um sentido. O meio irrompe no mundo da comunicação onde predomina o signo fotográfico-verossímil, o mundo da fotografia-coisa-das-coisas, colocando em seu lugar uma linguagem pictográfica, e que, por isso mesmo, apela para a decodificação analógica. Ele troca o mundo perceptivo óptico-visual pela percepção ideográfica-mental. Ao deslocar o interesse da "imagem óptico-retiniana" (fotográfica) pelas imagens mentais analógicas, o videotexto desloca o mundo das coisas para o mundo dos signos abstratos e esquemáticos. Se a fotografia "transforma as pessoas em coisas", as relações em objetos, a videografia eletrônica coloca em campo as escritas pictográficas e ideográficas "que representam uma extensão do sentido visual de armazenar e facilitar o acesso à experiência humana". O seu efeito é integrativo e inclusivo, e não desagregador como quer a escrita de tradução fonética. Entretanto, como os dois signos transam o videotexto (o verbal-escrito e o visual), o efeito é de complementação.

O videotexto confirma que escrita e desenho possuem a mesma substância gráfica. O espaço do videotexto não é um espaço de projeção ao modo do cinema, mas um espaço que projeta o signo mental-oriental. Um espaço que não é neutro, mas radiante de energia. Nesse espaço, cada ponto-luz-cor é um sol, uma luz-atraves (como no multiespaço do vitral medieval), que converge para a síntese da história da pintura e da ideografia orientais como culturas e criações intensamente organizadas e condensadas.

O novo sistema impõe uma sensibilidade outra, ao mesmo tempo em que socializa a visualidade ideográfica em contraposição à fotográfica. No silêncio da tela, as imagens, palavras, cores, fluem com a mais absoluta calma e serenidade, exigindo a concentração necessária do usuário que dispõe do livro eletrônico.

"Na televisão, as imagens são projetadas em sua direção. Você é a tela. As imagens cercam você. Você é o ponto de fuga. Isso cria uma espécie de introspecção, uma espécie de perspectiva às avessas que tem muito a ver com a arte oriental."

Escrita e imagem absorvem-se e iconizam, criando ritmos espaço-temporais silenciosos e próprios, ao mesmo tempo em que, pela repetição de padrão ponto-luz, cria o efeito sinestésico do tatear, andar e apalpar: o espaço e o tempo como que escorregando entre os dedos. O videotexto é visual-ideográfico, basicamente tátil. Ele tende ao visual na medida em que abandona o fonético-digital e instaura o visual inclusivo ideográfico-gestáltico, pois que o ideograma, no dizer de McLuhan, é uma *gestalt* que não dissocia analiticamente os sentidos como o faz a escrita fonética. O artista gráfico-eletrônico só pode emprestar valores táteis às impressões retinianas, reafirmando seu compromisso com a cultura visual-sensorial, "pois que a tatilidade abrange todos os sentidos, como o branco incorpora todas as cores".

Graficar mensagens no videotexto é estender a consciência, é criar um contexto que seja consciente, porque insere um antiambiente dentro dos contextos anteriores já instituídos, desautomatizando, por isso mesmo, a percepção. O videotexto nada tem a ver com a TV, videoarte, quadrinhos e outros, não é um veículo "sociológico" como o VT ou a fotografia — ele tem a sua especificidade.

Programar videotexto representa dialogar um ritmo "intervisual", "intertextual" e "intersensorial" com os vários códigos da informação, e é nos intervalos entre esses códigos que se instaura uma fronteira fluida entre informação e pictorialidade ideográfica, uma margem de criação. É nesses intervalos que o meio adquire a sua real dimensão, a sua qualidade, pois que cada mensagem (como cada tecnologia) engole canibalisticamente as anteriores, já que todas estão formadas pela mesma energia.

O meio conforma e confirma a mensagem, faz parte de sua verdade e cria um novo *interface* entre homem e artifício, contato entre o canal visual (olho) e canal técnico (terminal de TV), de caráter simultâneo e analógico. Cria também as condições para a percepção rápida das linguagens acolhidas. Estimula um pensamento abstrato esquemático e concreto-qualitativo.

O videotexto, ao conformar as linguagens escritas e visuais, obriga-as à adequação às novas possibilidades videográficas, transforma estas linguagens, por operações tradutoras de adequação, em mensagens esquemáticas e abstratas, onde a concisão epigráfica, a simplicidade mínima em tensão com a máxima, o estilo curto e telegráfico e do humor devem primar sobre o discursivismo e o afogamento dos sinais em grafismos gratuitos, pois que processos cerebrais reconstrõem a velocidades eletrônicas estas mensagens.

A conformação (formatação) da linguagem ao videotexto, da mesma forma que a automação da sintaxe no novo meio, que permite mecanizar todos os sistemas de escritas universais, coloca por isso mesmo, na ordem do dia, muitos dos programas das vanguardas do começo do século XX, no que diz respeito a programas estéticos que privilegiam a expressão universal e não a particular (individual), através de uma estética programática em harmonia com o mundo industrial (leia-se: construtivismo, neoplasticismo, o "ready-made" dadaísta e o concretismo, entre outros). O videotexto privilegia assim, pelo esquematismo das linguagens, o caráter coletivo e universal dessas mesmas linguagens, não havendo lugar para a expressão e estilo pessoal (como cultura do "ego"), mas do humano. "A expressão universal", diria Mondrian, "somente pode ser criada por uma verdadeira equação do universal e do individual."

Isto porque as condições produtivas não pertencem mais às atividades primárias artesanais, nem às secundárias-industriais, mas às atividades eletro-eletrônicas de caráter inclusivo e instantâneo.

A tecnologia eletrônica, orientalmente superposta à paisagem exterior (*landscape*), cria em nós uma paisagem interior ou *inscape*, que também irradia energia-luz, criando seus próprios espaços-ritmos e alterando a nossa percepção. A luz como informação sem conteúdo ilumina-nos e recria, *inscape* e *landscape* (o interior subjetivo e o exterior ambiente) integrados, pois o circuito elétrico é a extensão de nosso sistema nervoso central, incluindo o cérebro.

Afinal, com a ajuda da sensibilidade perscrutadora e as "antenas" que permitem ver, nas condições do novo contexto, as formas-sondas das novas linguagens, o homem eletrônico-neolítico deverá transar com seu "cursor", como "pincel eletrônico", a sua incrível cestaria e vestido informacional no *interface* de seu sistema nervoso central com o videotexto.

Quanto à arte & artistas é melhor teclar (Bienal + envio) para ver. Bom contato.

NOTA

Mais informações sobre Videotexto podem ser encontradas em: V-Ideografia em Videotexto, Julio Plaza. 205 páginas. Dissertação de mestrado, PUCSP, 1983